



As vozes de uma guerra: repensando Chernobyl

Rosane Cardoso¹

Resenha de:

ALEXIEVICH, Svetlana. **Voces de Chernóbil** – crônicas del futuro. Tradução de Ricardo San Vicente. Barcelona: Penguin Random House Grupo Editorial/DEBOLS!LLO, 2015. 406 páginas.

Svetlana Alexievich (1948) tem longa trajetória na literatura, no jornalismo e, cada vez mais, no chamado jornalismo literário. Prêmio Nobel de literatura em 2015, esta escritora bielorrussa nos entrega o tocante *Tchernobylskaia molitva*, ainda não publicado no Brasil. Traduzido para vários idiomas e tendo recebido importantes prêmios, o livro teve nova edição em 2006, no 20º aniversário da tragédia.

A obra, de fato, é dos anos de 1990 e traz material coletado, ao longo de dez anos, de centenas de pessoas que testemunharam o acidente nuclear de Chernobyl, Ucrânia, ocorrido em 26 de abril de 1986. Mas são poucos os fatos históricos ou as descrições da catástrofe. Isto é, ainda que sejam relatos sobre a tragédia, é dada aos envolvidos a possibilidade de falar do acidente através do próprio sentimento de perda. As consequências físicas e psicológicas na vida desses depoentes se apresentam de maneira quase lírica, graças ao modo como a autora trata a escritura do texto e a história de cada um. Alexievich opta por narrativas a partir de pontos de vista absolutamente subjetivos.

O livro está dividido em três partes e cada uma delas composta por “monólogos”. A obra, assim, não exige uma leitura linear, pois são, realmente, crônicas particulares sobre a tragédia. Após a introdução, são destacados alguns dados históricos, há um depoimento e a justificativa da autora para a obra, seguindo-se as partes: “La tierra de los muertos”, com oito depoimentos e um “Coro de soldados”; “La corona de la creación”, com treze monólogos e um “Coro del pueblo”; e, por fim, “La admiración de la tristeza”, composto por dezessete monólogos acompanhados de um “Coro de niños”. A seguir, outro testemunho e o epílogo.

¹ Doutora em Teoria da Literatura pela Universidade Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pós-doutorado na Universidad de Granada, Espanha. Professora do Departamento de Letras e membro do corpo docente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Santa Cruz do Sul/UNISC. Atua nas áreas de: literaturas espanhola e hispano-americana. Coordena a pesquisa “Violência, memória e subjetividade na narrativa latino-americana contemporânea”. Organizadora do livro *Voz, memória e literatura: narrativas sobre a violência latino-americana*. Editora do periódico eletrônico *Signo*.

O acontecimento em si paira sobre todos, mas os testemunhos contam a sua perplexidade ou estado de luto a partir de detalhes. Seja falando sobre a perda dramática do esposo no acidente ou sobre como a radiação foi sendo assimilada pelas pessoas atingidas, todos têm o seu lado da catástrofe para contar. Em “Monólogo acerca de que a la vida cotidiana hay que añadirle algo para entenderla”, Víktor Latún provoca: “¿Quiere usted hechos, detalles de aquellos días? ¿O mi historia? Allí me hice fotógrafo. [...] ¿Por qué me he hecho fotógrafo? Porque me faltaban palabras.” (ALEXIEVICH, 2015, p.331)

O livro, no entanto, não se restringe ao desastre. Vários eventos envolvendo a política russa estão presentes, expondo uma longa história de perguntas e reviravoltas. Reflexões a respeito da II Guerra Mundial, da Guerra do Afeganistão, da queda da União Soviética, entre outros revelam a jornalista investigativa Svetlana Alexievich que olha para o país e seus fragmentos políticos e históricos. Esta é a razão por que, ao centrar a obra no acidente nuclear, entende esta trajetória não como parte do passado, mas como criador de uma nova concepção de tempo. Por isso, talvez o momento mais fulcral do livro seja ainda na introdução quando a autora propõe uma entrevista consigo mesma para falar do motivo da escritura. Em “Entrevista de la autora consigo misma sobre la historia omitida y sobre por qué Chernóbil pone en tela de juicio nuestra visión de mundo”, ela acentua:

Han pasado veinte años de la catástrofe, pero hasta hoy me persigue la misma pregunta: ¿de qué dar testimonio, del pasado o del futuro? Es tan fácil deslizarse a la banalidad. A la banalidad del horror... Pero miro a Chernóbil como al inicio de una nueva historia; Chernóbil no solo significa conocimiento, sino también preconocimiento, porque el hombre se ha puesto en cuestión con su anterior concepción de sí mismo y del mundo. Cuando hablamos del pasado o del futuro, introducimos en estas palabras nuestra concepción del tiempo, pero Chernóbil es ante todo una catástrofe del tiempo. Los radionúclidos diseminados por nuestra tierra vivirán cien, cincuenta, cien, doscientos mil años. [...] son eternos. (ALEXIEVICH, 2015, p. 43)

Por conseguinte, a autora dessacraliza, em parte, tanto o conceito de “testemunho” quanto de “biografia”. Ainda que sejam evidentemente a base do trabalho, Svetlana os transforma em crônicas intimistas ao mesmo tempo que em denúncia. Sobretudo, fazem

jus a um belo texto literário em que o cuidado estético nunca é negligenciado, nem mesmo na sua estrutura. Considerando-se, entre tantas outras leituras possíveis da obra, os Coros que ela cria – dos soldados, do povo, dos meninos – Alexievich claramente lança mão da tragédia grega para narrar o drama que gerou uma série de heróis trágicos, ainda que anônimos. Como já apontado por alguns críticos, a antiga URSS é representada como uma *polis*. Acrescenta-se a isso, os eloquentes monólogos que, apesar disso, revelam o diálogo sensível que existe entre os depoentes e a jornalista. Não por acaso, o texto do livro tem sido apresentado em peças teatrais na região atingida. Talvez *Voces de Chernóbil* permita agora a catarse negada por ocasião do acidente, mediante as vozes que se levantam para contar a dimensão da tragédia pessoal. Mas Svetlana Alexievich faz mais: constrói um texto cuja base é a generosidade. Deixa que seus depoentes falem, assim como deixa que os leitores sintam. Dificilmente se sai incólume dessa leitura.